

COLÓQUIO

Letras

SARAMAGO

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

número 210 Maio/Agosto 2022

COLÓQUIO Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



CONSELHO EDITORIAL

Guilherme d'Oliveira Martins
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE)

Laura Cavalcante Padilha
(UFF-BRASIL)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andrezen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Rita Marnoto
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Sérgio Nazar David
(UERJ-BRASIL)

DIRETOR

Nuno Júdice

APOIO À DIREÇÃO

Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

Número avulso - 13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel.: 21 782 35 67

E-mail: coloquioletras@gulbenkian.pt

www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Vendas - Fundação Calouste Gulbenkian

Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA

Tel: 21 782 32 92 / vendas@gulbenkian.pt

DESIGN Overshoot Design

CAPA Overshoot Design

(a partir de obras de Manuel Valente Alves)

IMPRESSÃO Greca

ESTATUTO EDITORIAL

Disponível em coloquio.gulbenkian/contactos/

TIRAGEM 700

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

SUMÁRIO

SARAMAGO

- 11 José Saramago: História, romance, alegoria
Carlos Reis
- 21 A mão do pintor / A mão da morte
Orlando Grossegeese
- 30 Intermedialidade, efeitos especiais ou como se apaixonar
na ficção de Saramago
Sara Grünhagen
- 40 O «expressionismo exaltado e polémico» de José Saramago
Carlos Nogueira
- 50 Releituras de Camões na escrita de Saramago
José Cândido Oliveira Martins

DEPOIMENTOS

- 65 *Jenaro Talens*
- 69 *Lídia Jorge*
- 75 *Ana Margarida de Carvalho*
- 79 *José Luís Peixoto*

ARTIGOS

- 85 Envelhecer: processo poético na última fase da obra de Pedro Tamen
Catherine Dumas
- 96 Ajustamento e resignação em Júlio Dinis e Giovanni Verga
Simão Valente
- 105 O corpo falante de Don Juan
Rosa Maria Sequeira
- 119 Eça de Queirós, escritor e diplomata
Luís Filipe Castro Mendes
- 127 Diplomatas e diplomacia na obra de Eça de Queirós
Francisco Seixas da Costa

FICÇÃO

- 137 *Luciana Hidalgo*

POESIA

- 143 *Nina Rizzi*

DOCUMENTO

- 151 Pedro da Silveira crítico de Carlos de Oliveira em 1945
Vasco Rosa

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 165 O canto do rouxinol na escuridão
Ricardo Gil Soeiro
- 172 Vila branca, vida negra: em torno da prosa de Garibaldi de Andrade
António Jacinto Pascoal
- 181 Reeditar e reler
Maria Luísa Malato
- 188 Para chegar a um livro
Rita Basílio
- 193 A poesia de amor de Paula Tavares
Bernardo Nascimento de Amorim
- 199 Que faremos nós com esta 'Dobra'?
Joana Meirim

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

EDIÇÃO CRÍTICA

- 207 *La lírica di Camões 1*, ed. Maurizio Perugi
LUÍS FARDILHA

POESIA

- 210 *Canoagem*, Joaquim Manuel Magalhães
ADAM MAHLER
- 212 *O Viajante Exposto à Verdade das Coisas*, Rui Magalhães
ANA MARQUES GASTÃO
- 215 *Introdução à Pintura Rupestre*, José Tolentino Mendonça
LEONOR COELHO
- 217 *Movimento*, João Luís Barreto Guimarães
MIGUEL-MANSO
- 220 *Ângulo Morto*, Luís Quintais
ANTÓNIO CARLOS CORTEZ
- 222 *São Miguel da Desorientação e Do Lado de fora*, Miguel Martins
HUGO PINTO SANTOS
- 225 *Salitre*, Duarte Drumond Braga
HUGO PINTO SANTOS
- 228 *Pterodáctilo*, Amândio Reis
JOÃO OLIVEIRA DUARTE

FICÇÃO

- 231 *A Peste no Seu Esplendor*, José Viale Moutinho
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS
- 234 *Volta ao Mundo em Vinte Dias e Meio*, Julieta Monginho
MIGUEL REAL
- 237 *Clausura*, João Paulo Sousa
ISABEL PIRES DE LIMA
- 240 *Cartografias de Lugares mal Situados*, Ana Margarida de Carvalho
CLAUDIA AMORIM
- 242 *O Elogio da Dureza*, Rui de Azevedo Teixeira
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

CRÓNICA

- 244 *As Crónicas*, António Lobo Antunes
SÉRGIO GUIMARÃES DE SOUSA
- 247 *Autobiografia não Autorizada*, Dulce Maria Cardoso
LEONOR COELHO
- 249 *Janela Indiscreta*, Isabel Cristina Mateus
ISABEL CRISTINA RODRIGUES

VÁRIA

- 251 *Obra (Re)Encontrada*, António Aragão
INÊS CARDOSO
- 254 *Rodeado de Ilha*, João Miguel Fernandes Jorge
MARIA JOÃO REYNAUD
- 257 *Almanaque dos Espelhos*, Manuel João Gomes
MIGUEL MARTINS

EPISTOLOGRAFIA

- 259 *Correspondência*, Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Ricardo Jorge
VANDA ANASTÁCIO

ENSAIO

- 262 *Babel e Sião*, Maria do Céu Fraga
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
- 264 *Pessoa & Saramago*, Miguel Real
MANUEL FRIAS MARTINS
- 266 *Mas Régio É Grande!*, Isabel Ponce de Leão
MARIA DO CARMO MENDES
- 269 *Jorge de Sena, Contemporâneo Capital*, Eduardo Lourenço
IDA ALVES
- 272 *Uma Cartografia do Olhar*, Dora Nunes Gago
ÁLVARO MANUEL MACHADO

LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

ENSAIO

- 274 *Heranças Pós-Coloniais nas Literaturas de Língua Portuguesa*,
org. Margarida Calafate Ribeiro e Phillip Rothwell
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR
- 277 *Livros Que Respiram*, André Corrêa de Sá
MARIA DO CARMO MENDES
- 279 *De Errâncias e Viagens Poéticas em Jorge de Sena e Cecília Meireles*,
Susana L. M. Antunes
MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE

LITERATURA ANGOLANA

ANTOLOGIA

- 282 *Entre a Lua, o Caos e o Silêncio: a Flor*, org. Irene Guerra Marques e Carlos Ferreira
FRANCISCO TOPA

LITERATURA BRASILEIRA

FICÇÃO

- 285 *Um Dia Chegarei a Sagres*, Nélida Piñon
INÊS PEDROSA

rídice, Emma e Capitolina (ou Capitu). Numa clara referência a personagens emblemáticas da mitologia e da literatura, as três jovens vivem numa grande biblioteca enquanto decorre, do lado de fora, a guerra. Os livros aqui têm outra função. O que poderia ser um espaço de experiências e descobertas, só o é na medida em que guarda a inocência da infância. As figuras alcançam a idade da aprendizagem, na qual os livros conduzem ao tempo cru da guerra e da morte, e não têm outra serventia do que incinerar os mortos. Se *Lepisma Saccharina* é o nome científico dos insetos devoradores de livros, a guerra é, de modo análogo, uma praga que consome homens e livros.

Cartografias coloca-nos em lugar incómodo, tornando-nos leitores de um mundo (todo ele) mal situado, não só na nossa contemporaneidade, mas também em outros momentos da História, fazendo-nos refletir sobre as consequências dos conflitos que herdámos. Provocativos são ainda os títulos dos contos, ora formados por orações inteiras, ora por sintagmas instigantes, sem alusão clara aos enredos.

Walter Benjamin, em seu estudo sobre o empobrecimento narrativo dos que retornavam dos campos de batalha ricos em experiências, mas faltos de palavras, não deixou de sublinhar o silêncio resultante dos traumas³. Os contos de *Cartografias* mostram que, pela ficção, restaura-se a fala silenciada; a imaginação subverte o silêncio, e recria o mundo mal situado, para que o leitor seja confrontado no seu próprio desconcerto.

Claudia Amorim

NOTAS

¹ Marco Antonio Coutinho Jorge e Nadiá Paulo Ferreira, *Freud, Criador da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2002, p. 8-9.

² Sigmund Freud e Albert Einstein, *Porquê a*

Guerra? Reflexões sobre o Destino do Mundo, trad. Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 1997, p. 72.

³ Cf. Walter Benjamin, «Experiência e Pobreza», *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*, trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, 1994.

Rui de Azevedo Teixeira

O ELOGIO DA DUREZA

A VIDA AVENTUREIRA DE UM HOMEM DE LETRAS — PRIMEIRO VOLUME

Lisboa, Gradiva / 2021

Rui de Azevedo Teixeira é um estudioso que tem consagrado especial atenção àquela parcela da literatura portuguesa contemporânea que tem por tema a guerra em África entre 1961 e 1974. O seu livro de estreia, *A Guerra Colonial e o Romance Português — Agonia e Catarse* (1998), é um demorado estudo sobre essa literatura, que marcou um importante segmento da criação literária portuguesa depois da Revolução dos Cravos. Regressou à questão num livro reflexivo e de boa linha, *Uma Proposta de Cãnone* (2005), em que volta a fazer passar na sua peneira crítica muita dessa literatura, categorizando-a inteligentemente e tentando alcançar com prudência o «núcleo canónico» dos seus géneros (o romance) e autores. Rui de Azevedo Teixeira mostrou-se noutros livros — *O Leitor Hedonista: Sobre o Romance Português Contemporâneo e Outros Textos* (2003) e o muito mais recente *Ensaio de Espelho* (2020) — um bom conhecedor e um fino intérprete da literatura portuguesa mais geral. Seja como for, o seu tema maior de sempre, o seu tópico de eleição é a guerra e não apenas na sua relação com o literário — leia-se a seminal *Iliada* — mas com o cinema e com a biografia, ele que é autor do mexido retrato biográfico de um militar português que esteve envolvido na guerra colonial e nas peripécias da revolu-

ção que se lhe seguiu, *Homem de Guerra e Boémio: Jaime Neves* (2012).

Rui de Azevedo Teixeira acaba agora de se estreiar no romance com *O Elogio da Dureza*, que tem um longo subtítulo, no qual se fica a saber que o livro é para ter continuação, já que se trata tão-só de um primeiro tomo. Os acontecimentos da história do romance vão apenas da primeira adolescência do protagonista, Paulo de Trava Lobo Ferreira, vivida na década de 60 do século passado, até ao final da década seguinte, tocando sucessos tão marcantes da vida portuguesa desse breve mas intensíssimo período, como a agitação do meio estudantil de Coimbra, a guerra em Angola, a vida em Luanda, a tropa de elite, a Revolução dos Cravos (vista à distância, de Angola), as tensões do PREC, o golpe de 25 de Novembro de 1975 e a *normalização* partidária. Mas esse arco temporal que não chega a ocupar duas décadas comporta também aspectos decisivos da ontogenia do protagonista, antes de mais o mistério inquietante de se saber na adolescência «filho ilegítimo de pai incógnito» — a diegese do romance abre com esta revelação que abana a estrutura interior de Paulo e termina com a sua resolução (Paulo é filho de quem o perflhou) e que não o abala menos pela má relação que sempre teve com o «padrasto».

Como talvez não pudesse deixar de ser em autor que durante um quarto de século tanto se deu às relações entre guerra e literatura, este é um romance de guerra que faz parte da literatura portuguesa contemporânea, e cuja temática é a participação na guerra colonial em África entre 1961 e 1974 — essa que tem sido desde 1998 o principal tópico da ensaística do autor. Não é porém apenas mais um romance sobre a guerra colonial. É um romance singular e distinto de todos aqueles que conhecemos e que são hoje os mais correntes — de Lobo Antunes a Lídia Jorge,

de Carlos Vale Ferraz a Joana Ruas, de João de Melo a Manuel Alegre. Quando em 2005 o autor categorizou a literatura portuguesa da guerra colonial, dividiu-a em três momentos, os dois iniciais antitéticos: um primeiro, dito «imperiófilo», exaltando os valores da expansão numa tradição militar que remontava ao século xv, do Infante Henrique de Avis a Afonso de Albuquerque, passando mais tarde, já no final do século xix, pelas campanhas africanas de Mouzinho, defendia entusiasmamente o esforço de guerra; um segundo, dito «imperiófobo», que ridicularizava e incriminava os mesmos valores. Não se confundindo com a chamada literatura colonial, designação temporal muito mais abrangente, embora com ela se cruzando, o primeiro momento tem talvez nos versos enfebrecidos de Rodrigo Emílio dos anos da guerra o seu mais visível paradigma. A literatura de segundo nível, só possível devido ao desaparecimento da censura oficial, surge após a guerra como escrita catártica de toda uma trágica e agónica experiência antes vivida. Estão nesse pé os romances dos autores atrás indicados que se posicionam ou como manifestamente paródicos ou no mínimo como críticos.

O que caracteriza a nosso ver o romance de Rui de Azevedo Teixeira é que não se situa em nenhum dos dois patamares, fazendo já parte de um novo nível, o terceiro, que é de síntese entre os dois momentos evolutivos anteriores e que segundo o autor estava ainda em 2005 em estado incoactivo. Tudo leva a crer que com *O Elogio da Dureza* a síntese dos dois tempos iniciais entrou numa nova fase, atingindo um curioso ponto de elevação. Sopesamos assim este romance porque ele tanto cruza elementos típicos do primeiro momento — Trava Lobo, que se fascinou desde a adolescência pela literatura de guerra e por Camões, desiste dos estudos, acredita na guerra em África, oferece-se

como voluntário ao exército português, torna-se comando e faz operações cruéis, de alto risco, no Leste e no Norte de Angola — como do segundo, com o descrédito íntimo dos valores em que acredita e a certeza, que se impõe progressivamente dentro da personagem, de que a verdade da guerra está do lado dos que lutam pela independência. Por meio desta metamorfose mental o *elogio da dureza* e a apologia da guerra que dá o tom às duas primeiras partes do livro voltam-se na linha temporal da fábula em *elogio da pureza* e do amor por uma mulher, Iza Maria Possolo d’Ornelas, cuja chegada (e revelação) se dá na parte final já depois do regresso do protagonista à vida civil.

Sabemos que a literatura da guerra colonial, seja em que nível for, é geracional. Rodrigo Emílio, João de Melo, Lídia Jorge, Joana Ruas, Azevedo Teixeira fazem parte da mesma geração. Com raras exceções, só um grupo etário bem definido sentiu motivação para escrever sobre essa guerra. Neste caso as relações entre o vivido e o escrito têm uma importância inexorável, fazendo com que este nicho da literatura portuguesa contemporânea tenha um lado documental e autobiográfico muito significativo. Usando embora um narrador típico de terceira pessoa, que não se confunde com o protagonista, a narrativa de Rui de Azevedo Teixeira não foge a estas implicações gerais e muitos dos seus episódios têm um inestimável valor documental e histórico para a reconstrução de certos meios e ambientes hoje desconhecidos. Estão nesse plano os elementos que o romance fornece sobre o curso da formação dos comandos daquela época, com a morte de cinco instruídos, dois no terreno e três no Hospital Militar de Luanda, as operações da tropa de elite em Angola, a prática da tortura nos prisioneiros e o corte das orelhas, depois guardadas em formol ou secas para serem passadas em

um fio ao pescoço, ou ainda a decapitação dos guerrilheiros mortos, cujas cabeças eram levadas para serem fotografadas pela polícia política. Mas o valor real deste romance, o seu interesse para o leitor de hoje não está no que ele possa ter de documental e de sociológico; está antes na mestria narrativa que apresenta, com um processo batido mas eficaz, e na arguta habilidade com que constrói uma personagem viva e única, que evolui diante do leitor de forma memorável ao longo dos episódios avulsos da sua adolescência e juventude. O seu curioso e comovente percurso de lobo solitário, tão grato de acompanhar, bem merece ter seguimento num prometido segundo volume.

António Cândido Franco

[O Autor segue a antiga ortografia.]

CRÓNICA

António Lobo Antunes AS CRÓNICAS

Prefácio de Marcelo Rebelo de Sousa
Lisboa, Publicações Dom Quixote / 2021

Anteriormente editadas em cinco volumes, entre 1998 e 2013, acrescidas de algumas inéditas em livro, as 173 crónicas agora publicadas ao longo de 623 páginas constituem uma amostra assaz abrangente e criteriosa do indiscutível talento cronístico de António Lobo Antunes.

Dir-se-á com inteira justeza que ao recuperar em elevado número as antigas, este espesso volume, escasso em novidade, rompe declaradamente com a estratégia editorial dos anteriores dedicados às crónicas. Com efeito, ao invés de estarmos perante um expectável *Sexto Livro de Crónicas*, a dar conta dos textos avulsos entretanto publicados na comunicação social,